

Paz, espaço e Constituinte

JOSE MONSERRAT FILHO
Especial para o CORREIO

10 FEV 1986

Um grande jornal de São Paulo considerou "meio esotérico" o tema "Ciência e Tecnologia e a Constituinte", do debate promovido pelo Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe), em São José dos Campos, para apresentar sugestões de setores científicos à comissão do professor Afonso Arinos e aos próprios deputados constituintes.

A questão, porém, longe de ser esotérica, tem uma enorme atualidade e afeta interesses nacionais estratégicos e até de sobrevivência. Vivemos a época não só da maior corrida armamentista de todos os tempos, que custa 900 bilhões de dólares por ano, como da ameaça cada vez mais concreta de ampliação desta escalada sinistra ao espaço cósmico. Aumenta assim o perigo de uma catástrofe nuclear que atinja todo o planeta, isto é, todos os povos e países, inclusive o nosso.

Não foi por outra razão que o professor José Goldemberg, reitor da Universidade de São Paulo (USP), em recente entrevista a outro jornal de São Paulo, declarou-se enfaticamente contrário ao projeto "Guerra nas estrelas" do presidente Reagan. Goldemberg teve a preocupação de lembrar que a tecnologia moderna é extremamente perigosa, como "comprova a inesperada explosão do Challenger", que pulveri-

zou seus sete tripulantes. O comentário do reitor da USP merece ser transcrito na íntegra: "Veja você, se num projeto pacífico, como o do "Space Shuttle", o ônibus espacial norte-americano, com todos os cuidados sem nenhuma aflicção — que existiria evidentemente numa situação de guerra — com todo o mundo torcendo a favor, ainda acontece um acidente, você pode imaginar o tipo de coisa que poderá ocorrer numa situação muito menos tranqüila.

CONCLUSÃO

Para Goldemberg, a conclusão é simples: "Deveria haver consenso de que a utilização de armas no espaço vai aumentar ainda mais a quantidade de acidentes, para não falar nos problemas de poluição do próprio espaço. Imagine se um acidente desses ocorre com uma nave que transportasse uma bomba de hidrogênio...".

Vale recordar que Goldemberg já escreveu um livro sobre o "inverno nuclear", com base em estudos científicos — inclusive da Pontifícia Academia de Ciências do Vaticano, de que é presidente outro eminente cientista brasileiro, Carlos Chagas, também contrário à "Guerra nas estrelas" — que descrevem as devastadoras conseqüências de um conflito atômico para o Hemisfério Sul, onde es-

tá o Brasil. Seríamos soterrados por uma espessa nuvem de cinzas, que nos privaria da luz e do calor do Sol, obrigando-nos a suportar por longos meses temperaturas de 50-60 graus abaixo de zero.

PROBLEMA

É extremamente necessária, pois, a discussão de tão grave problema no processo da Constituinte, base de nossas principais preocupações e tarefas convertidas em deveres do Governo e da Nação. Desde o século passado, as constituições brasileiras adotaram o princípio da ilegalidade das conquistas territoriais pela força. Os tempos mudaram e as maiores ameaças, hoje, vêm do espaço. Por isto, nada mais justo que os brasileiros inscrevam na Nova Constituição seu permanente repúdio a toda e qualquer tentativa de converter o céu em palco de guerras que farão da terra o lugar mais inseguro do universo, pronto a se tornar inabitável.

O espaço deve ser exclusivamente zona de paz e cooperação em benefício do bem-estar e progresso de toda a humanidade, a começar pelos povos mais subdesenvolvidos. Se consagrarmos esta posição humanista em nossa futura Carta Magna, estaremos reforçando a luta que se trava hoje no mundo a favor da vida e do direito de viver.